

ELY BERGO DE CARVALHO
NAYARA CRISTINE CARNEIRO DO CARMO
RICHARD HATAKEYAMA¹

DO PROJETO PEDAGÓGICO À PRÁTICA

Um estudo sobre os egressos do curso de Ciências Socioambientais

INTRODUÇÃO

Este capítulo é o primeiro resultado de uma pesquisa que tem como objetivo central identificar, sistematizar e descrever a atuação profissional dos egressos do curso de Ciências Socioambientais, ofertado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Segundo o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Ciências Socioambientais, pretende-se que os egressos em Ciências Socioambientais

tenham formação e competência para atuar como profissionais e pesquisadores com capacidade para coordenar, sistematizar, avaliar, monitorar e atuar em trabalhos interdisciplinares na área socioambiental. Por esse termo, entendam-se as interfaces entre sociedades e ambientes, em suas dimensões sociais, culturais, econômicas, políticas, espaciais, históricas e ecológicas.²

De caráter interdisciplinar, o curso de Ciências Socioambientais nasce de uma demanda percebida pela experiência de diversos setores acadêmicos, “voltado para a área ambiental, mas que não dissociasse as questões naturais de uma reflexão social, econômica e cultural”.³

Assim o Projeto Pedagógico do Curso vislumbrava o seguinte cenário profissional:

A demanda da sociedade e do mercado por profissionais com habilidades socioambientais é bastante evidente e crescente. O trabalho referente ao meio ambiente em órgãos governamentais e não-governamentais, empresas de consultoria, centros universitários, dentre outros, exige uma formação interdisciplinar, mais condizente com a realidade em sua complexidade e que possa preparar melhor os alunos para pensar soluções para a problemática de forma mais global. Exemplo desta demanda é a crescente preocupação da comunidade acadêmica brasileira com esta formação transdisciplinar em estudos ambientais.⁴

Apesar da existência de vários outros cursos no Brasil de Ciências Ambientais e áreas afins, a formação em Ciências Socioambientais é exclusiva da UFMG, o que amplia a responsabilidade da universidade em acompanhar o desenrolar desta trajetória inédita.

Quando a esta pesquisa teve início, no primeiro semestre de 2017, com um universo de 66 egressos, acreditava-se na possibilidade de se investigar trajetórias profissionais, experiências, relações e desafios que pudessem contribuir para o planejamento, definição e retroalimentação do próprio curso, além de subsidiar, por um lado, as ações dos cientistas socioambientais e, por outro, as ações estatais e da sociedade em geral em suas relações com esses profissionais e sua área de atuação.

CONTEXTO DO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIOAMBIENTAIS

A primeira iniciativa de se criar um curso de Ciências Socioambientais na UFMG foi feita em 2006 como um programa de pós-graduação, que apresentou dificuldades estruturais para ser implantado. Somente com o advento do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) (criado pelo Decreto nº 6.096 de 2007), que tinha como principal objetivo ampliar o acesso e a permanência na educação superior, é que foi possível a criação do curso de Ciências Socioambientais, agora como uma graduação.

Segundo o Projeto Pedagógico do curso, participaram da elaboração do projeto professores dos departamentos de Sociologia e Antropologia, Biologia Geral, Medicina Preventiva e Social, Escola de Veterinária, Demografia, História, Geologia e Engenharia Sanitária e Ambiental.⁵

Várias experiências como grupos de estudos, pós-graduações, eventos nacionais e internacionais e o crescente número de estudos relacionados às questões socioambientais dentro da UFMG, serviram como base para criação do curso.

Ofertado pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, o Curso de Ciências Socioambientais tem entrada anual e duração de quatro anos. Doze departamentos são hoje responsáveis por suas atividades acadêmicas: Biologia Geral; Ciência Política; Ciências Econômicas; Direito; Engenharia Sanitária e Ambiental; Filosofia; Geologia; História; Medicina Preventiva e Social; Sociologia; Antropologia e Arqueologia e, ainda, Demografia. Embora o conteúdo das disciplinas e o corpo docente tenham, em geral, um perfil interdisciplinar, apenas as disciplinas de Aulas Práticas Integradas de Campo A e B (APICs) são ofertadas conjuntamente por professores de áreas distintas de conhecimento.

O curso parte de uma reflexão epistemológica crítica da produção hegemônica dos saberes e dos poderes, bem como do histórico de fragmentação das ciências ao longo da história ocidental. Nesse contexto, a produção do conhecimento, ancorada na interdisciplinaridade, conduz à formação de um profissional “mais condizente com a realidade em sua complexidade” e que possa pensar soluções para a problemática de forma mais global. Segundo Enrique Leff:

A interdisciplinaridade implica assim um processo de inter-relação de processos, conhecimentos e práticas que transborda e transcende o campo da pesquisa e do ensino no que se refere estritamente às disciplinas científicas e a suas possíveis articulações. Dessa maneira, o termo interdisciplinaridade vem sendo usado como sinônimo e metáfora de toda interconexão e “colaboração” entre diversos campos do conhecimento e do saber dentro de projetos que envolvem tanto as diferentes disciplinas acadêmicas, como as práticas não científicas que incluem as instituições e atores sociais diversos.⁶

Para Leff,⁷ o caminho da interdisciplinaridade é marcado pela diversidade de saberes, o que representa muito mais que uma hermenêutica de interpretações do conhecimento. É uma abertura “marcada pelo propósito de retotalização sistêmica do conhecimento” e pela “diferenciação dos sentidos do ser”. A proposta de se ter como horizonte o “diálogo de saberes”, no curso de Ciências Socioambientais, aponta para a necessidade de se pensar e agir para além de uma lógica hegemônica de produção do conhecimento fragmentado e incapaz de refletir sobre o seu próprio fazer, e que é conveniente para uma instrumentalização do saber pelo mercado:

Este projeto salienta, portanto, a necessidade de se estabelecer um espaço de reflexão crítico às posturas hegemônicas e homogeneizadoras que subsomem os complexos processos sociais e os diversos

sujeitos neles envolvidos em uma metafísica do ambiente, reduzindo-o, por esta via, a um objeto material, uno e quantificável, passível, portanto, de inscrição numa causa universal sob forte direcionamento economicista.⁸

Todavia, o Projeto Pedagógico não trabalha claramente conceitos como interdisciplinar e transdisciplinar que são, algumas vezes, tomados como sinônimos. O PPC não segue uma proposta prévia fechada, seja nos modelos de uma abordagem transdisciplinar, como proposta por Nicolescu⁹ ou uma interdisciplinaridade que parte da teoria dos sistemas.¹⁰ Por um lado, o PPC tem a “transdisciplinaridade” e a “incorporação de saberes não disciplinares” mais como um “horizonte”¹¹ a ser buscado, do que um objetivo a ser efetivado no percurso do graduando. Por outro lado, diante das dificuldades de realização de tais abordagens,¹² a proposta do PPC é fundada em uma perspectiva antes de tudo interdisciplinar, aparentemente mais factível, mas também menos precisa quanto ao seu conteúdo. Ou seja, a aposta do PPC foca mais no diálogo entre disciplinas do que na superação das disciplinas ou na incorporação de saberes não científicos.

PERCURSO METODOLÓGICO

As produções conceituais sobre egressos apresentam-se muito incipientes. Segundo Lousada e Martins,¹³ considera-se egresso aquele que efetivamente concluiu os estudos, recebeu o diploma e está apto ao exercício profissional. Estudos com e sobre egressos são importantes para o conhecimento da relação entre a universidade e a sociedade. A proposta do trabalho foi entrevistar o universo total dos egressos que colaram grau até o segundo semestre letivo de 2016, ou seja, todos os discentes formados até o momento do início da pesquisa.

Nesse escopo, junto ao colegiado de Ciências Socioambientais, foi levantado um total de 66 egressos entre as turmas que ingressaram em 2010, 2011, 2012 e 2013. Nesse levantamento

foi possível construir um banco de dados preliminar, com as informações básicas (nome completo, endereço eletrônico e telefone) originárias ainda do processo de matrícula dos alunos, uma vez que a UFMG não faz acompanhamento sistemático da atualização dos dados dos alunos que se formam.

A opção metodológica centrou-se em um *survey*, aplicado através da plataforma Google, visando o maior alcance do universo pretendido. Segundo Tanur, a pesquisa *survey* pode ser descrita como “a obtenção de dados ou informações sobre características, ações ou opiniões de determinado grupo de pessoas, indicado como representante de uma população-alvo, por meio de um instrumento de pesquisa, normalmente questionário”.¹⁴ O questionário produzido pelos autores deste estudo teve o intuito de originar informações sobre o perfil dos egressos: dados pessoais (idade, gênero, cor/raça, residência, renda, estrutura familiar etc.), trajetória escolar/acadêmica e atual atuação profissional.

Para garantir eficácia, o questionário passou por uma fase de testes com dois egressos e foi reavaliado antes de sua divulgação para todos os entrevistados. O contato com os egressos se deu em três etapas: comunicação via e-mail para apresentação e proposição da pesquisa; envio do questionário (a ser respondido via plataforma Google) e, quando necessário, num terceiro momento, via telefone para reforçar a participação ou compreender a não participação. Em acordo com Dazzani e Lordelo,¹⁵ a pesquisa com egressos guarda algumas dificuldades como: a localização dos sujeitos (os endereços físico e eletrônico e telefones não retratam a realidade); a disposição do egresso em cooperar, cedendo seu tempo e oferecendo informações sobre sua vida privada; e, por último mas não menos importante, a escassez de referenciais teóricos e metodológicos de pesquisas com egressos que sirvam para subsidiar a investigação.

Depois de aplicados, os questionários foram conferidos, em momentos distintos, pela coordenação da pesquisa e demais pesquisadores envolvidos. Diante dos resultados obtidos a partir do

banco de dados, iniciou-se a construção dos relatórios quantitativos. Este estudo é parte dos resultados analisados e apresenta um dos temas de relevância na pesquisa, a atuação profissional do egresso em Ciências Socioambientais.

RESULTADOS

O questionário foi respondido por 64 do total de 66 egressos, ou seja, 96% de pessoas do público-alvo responderam às questões, um resultado excepcionalmente positivo para tal tipo de pesquisa. Provavelmente, o que contribuiu para o sucesso dos resultados alcançados foi o fato de a pesquisa ser encabeçada pelo atual coordenador do curso de Ciências Socioambientais na UFMG, bem como ter entre os pesquisadores uma egressa e demais estudantes do curso. Tais relações pessoais entre pesquisadores e entrevistados reforçaram a confiança e disposição em participar. O principal obstáculo na pesquisa deve-se à não atualização dos dados dos egressos junto à instituição, dificultando o contato e a aplicação do questionário.

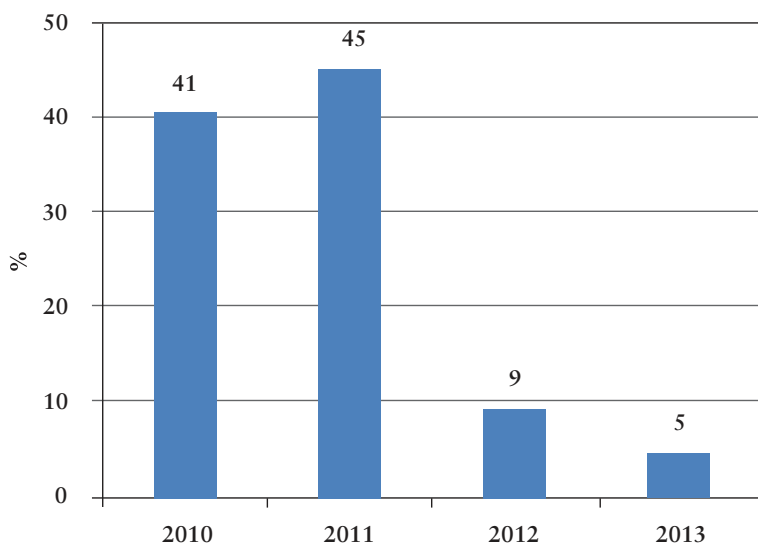


Gráfico 1 – Ano de ingresso no curso de Ciências Socioambientais

A grande maioria dos que responderam ingressou entre 2010 e 2011, indicando que os alunos levaram mais que quatro anos para cumprir seu percurso no curso.

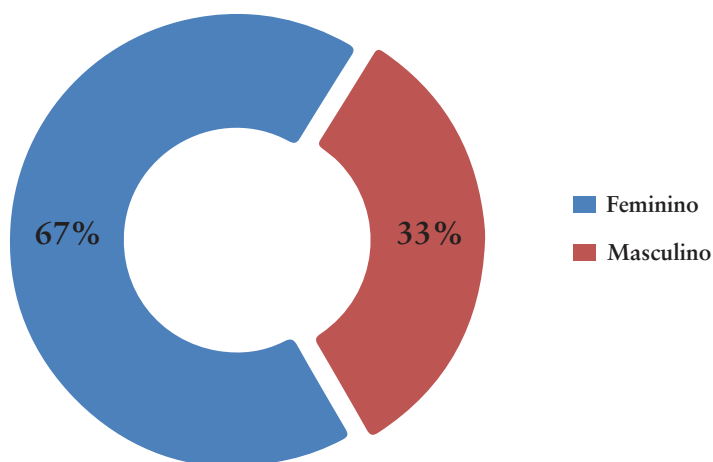


Gráfico 2 – Gênero

Do universo entrevistado, 67% são mulheres. Os dados ligados ao gênero vão ao encontro dos dados nacionais do ensino superior no qual, segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), o número de mulheres que egressa do ensino superior é maior que o número de homens: “O percentual médio de ingresso de alunas até 2013 foi de 55% do total em cursos de graduação presenciais. Se o recorte for feito para os concluintes, o índice sobe para 60%”.¹⁶

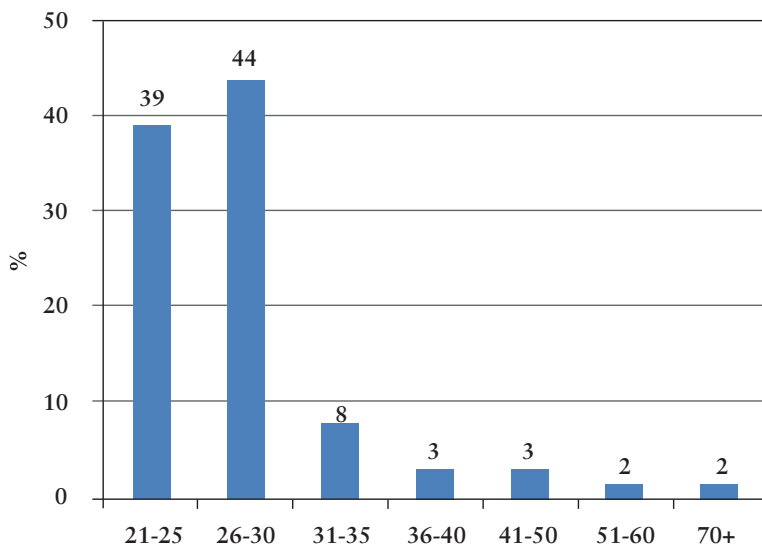


Gráfico 3 – Idade

O gráfico apresenta a idade dos egressos. Dentro de um ciclo educacional idealizado em que o aluno entraria no ensino superior com aproximadamente 18 anos, os egressos deveriam estar concentrados na primeira faixa, de 21 a 25 anos; contudo, há egressos de várias faixas etárias, sendo quatro com mais de 41 anos e um com mais de 70 anos, o que indica a formação de pessoas com uma carreira profissional previamente estabelecida à entrada no curso. Todavia, deve ser destacado que 83% dos entrevistados têm entre 23 e 30 anos, indicando uma grande maioria de jovens em início de carreira.

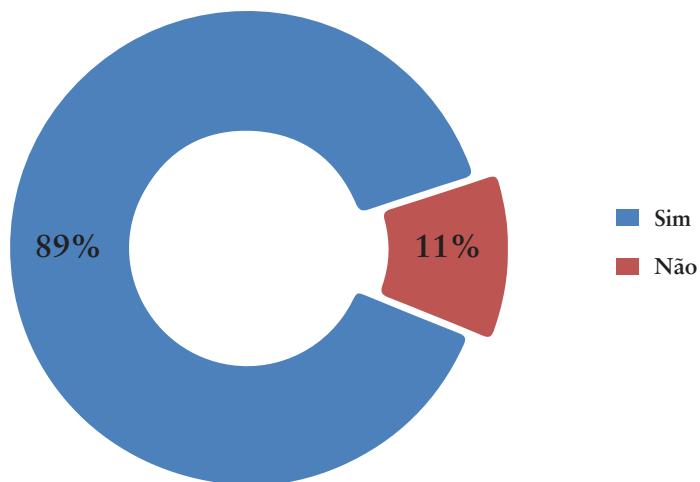


Gráfico 4 – Primeira graduação

Dentre os entrevistados, 89% têm o curso de Ciências Socioambientais como sua primeira graduação completa e 11% já haviam concluído uma graduação. Os sete egressos que já haviam concluído uma graduação antes de ingressarem no curso eram graduados em: Artes Plásticas, Direito, Engenharia Metalúrgica, Gestão Ambiental, Pedagogia, Relações Internacionais e Segurança Pública.

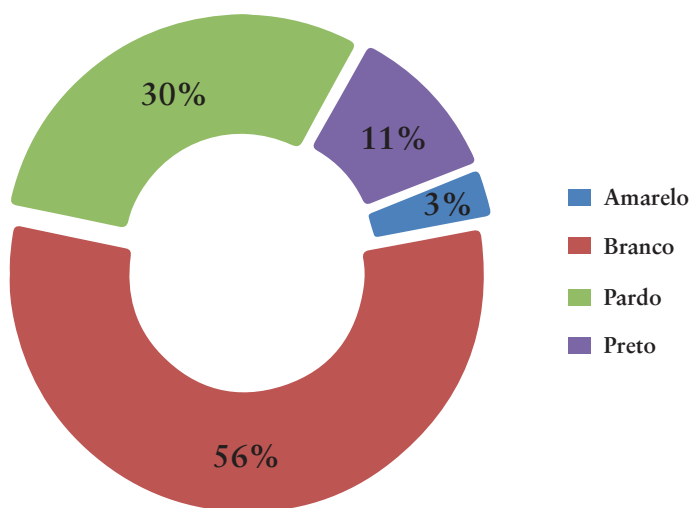


Gráfico 5 – Cor/raça

Tendo como base o sistema de classificação empregado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mais da metade dos egressos se autodeclararam como brancos, 30% se declararam como pardos, 11% como negros e 3% como amarelos.

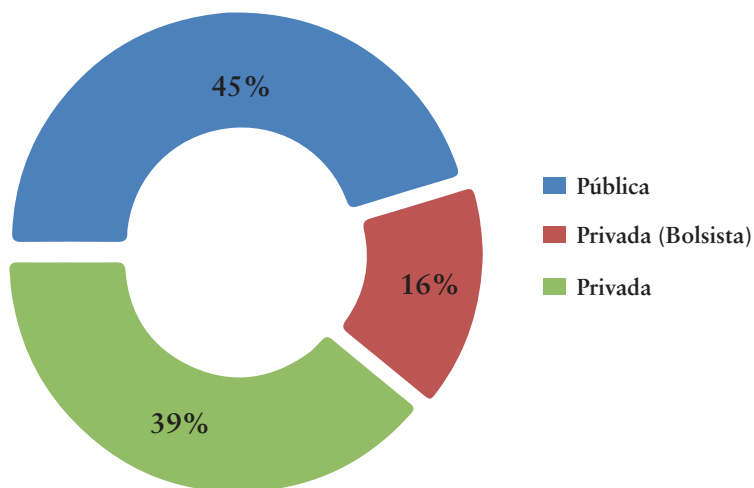


Gráfico 6 – Tipo de escola no ensino médio

A maioria dos entrevistados (55%) é oriunda de escolas privadas no ensino médio, sendo que 16% eram bolsistas; 45% dos egressos provêm de escolas públicas.

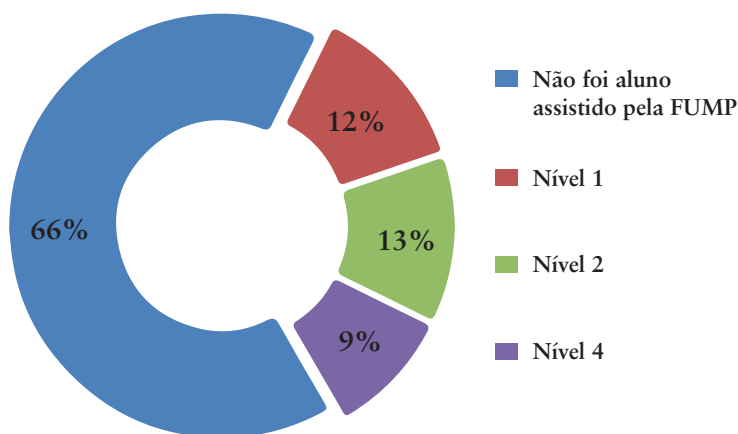


Gráfico 7 – Nível FUMP

A Fundação Universitária Mendes Pimentel (FUMP) da UFMG classifica os alunos por nível socioeconômico, sendo que o nível 1 é o que mais demanda amparo estudantil e o nível 4 o que menos demanda. Dentre os entrevistados, 12% encontram-se no nível 1, 13% no nível 2 e 9% no nível 4. Não foram encontrados entrevistados no nível 3 e 66% não foram classificados pela FUMP. Como a classificação é obrigatória apenas para se acessar os benefícios da Fundação, esses dados mostram que há alunos que fizeram seu percurso sem terem sido assistidos ou classificados pela FUMP.

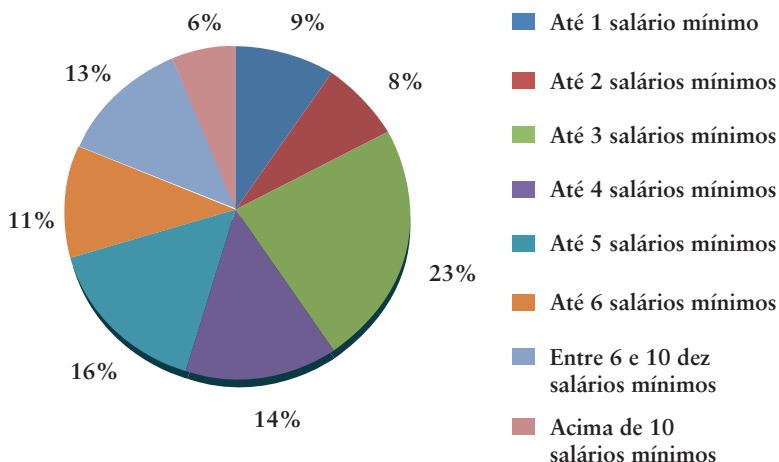
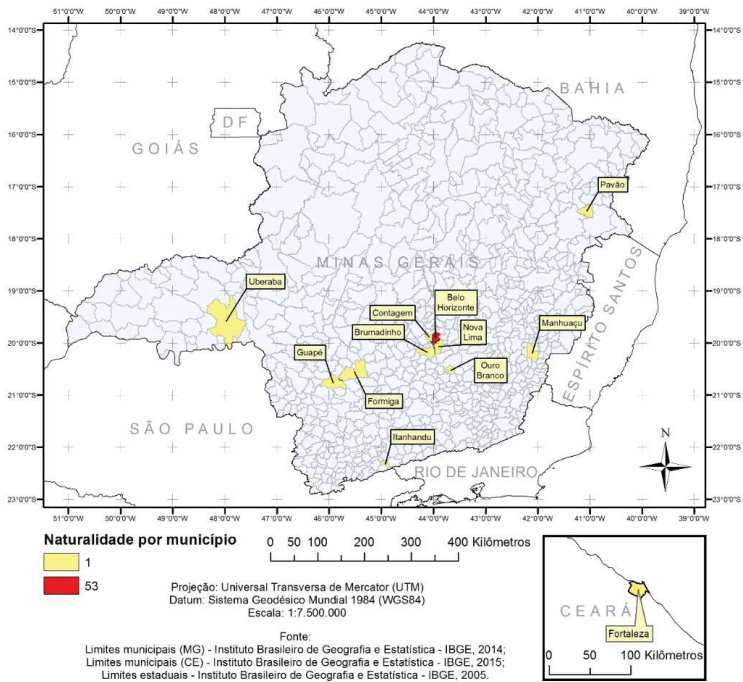


Gráfico 8 – Renda familiar durante a graduação

Deve-se destacar a diversidade socioeconômica entre os egressos, com entrevistados situados na faixa de alta renda familiar até aqueles em situação de vulnerabilidade econômica, como aponta a própria classificação da FUMP. Todavia, a maioria dos egressos do curso de Ciências Socioambientais frequentou o ensino médio em escolas particulares, vindos de famílias de “classe média”.

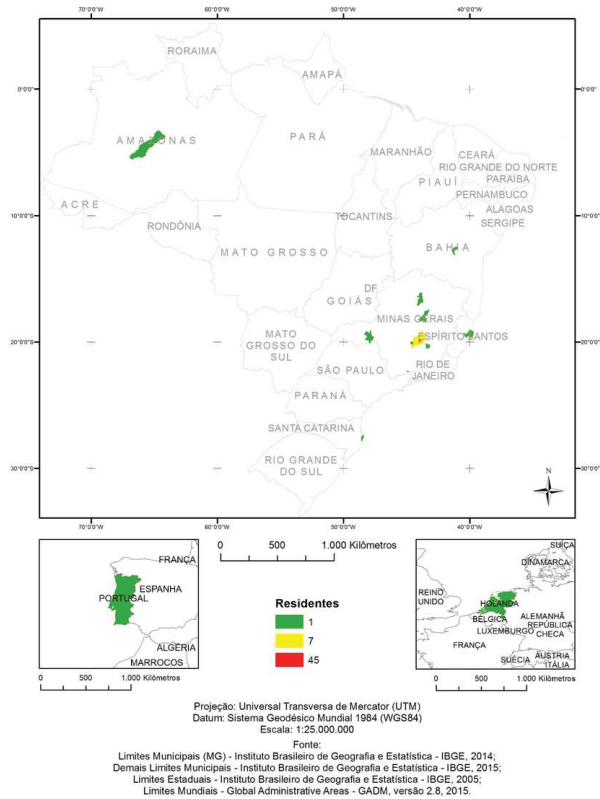
No que diz respeito à origem dos egressos, o questionário abordou a naturalidade dos sujeitos. Como pode ser observado no mapa “Naturalidade dos Egressos de Ciências Socioambientais”, com exceção de um egresso (nascido em Fortaleza, no Ceará), todos os demais são do estado de Minas Gerais, com grande concentração em Belo Horizonte.



Mapa 1 – Naturalidade dos egressos em Ciências Socioambientais.

Fonte: Elaboração própria

A residência do egresso apresentou um fator de migração após a conclusão do curso de Ciências Socioambientais. Mesmo que ainda haja uma concentração em Belo Horizonte, com 70,3%, ou seja, 45 entrevistados, há atualmente egressos em três países distintos e, no Brasil, estão distribuídos em quatro estados diferentes. Entender os efeitos dessa dispersão requer uma análise mais aprofundada e qualitativa.



Mapa 2 – Residência atual dos egressos em Ciências Socioambientais.

Fonte: Elaboração própria

Um dado importante levantado pela pesquisa é que 27, ou seja, 42% dos entrevistados estão atuando como cientistas socioambientais em áreas diversas, em diálogo com a interdisciplinaridade no processo de formação. Dos demais, 8 (13%) estão desempregados e 29 (45%) exercem função que declararam não ser compatível com a área de formação.

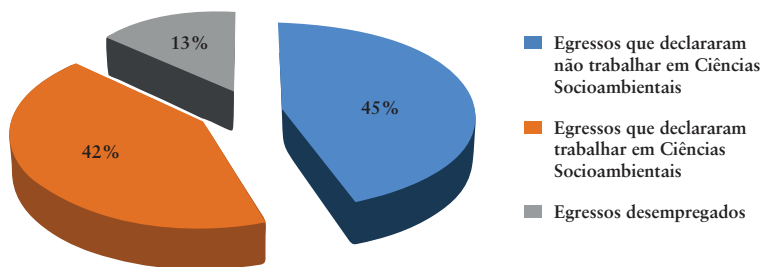


Gráfico 9 – Egressos do curso de Ciências Socioambientais

Responder à questão sobre o que é trabalhar em Ciências Socioambientais não é tarefa fácil nem mesmo para aqueles formados na área. Segue a tabela com a atuação profissional daqueles que declararam trabalhar na área de Ciências Socioambientais.

Tabela 1 – Atividades profissionais dos egressos que declararam trabalhar na área de Ciências Socioambientais

Pesquisador no ICMBio – Resex (...)
Pesquisador
Analista
Bioconstruções e marceneiro
Estudante de pós-graduação
Pesquisadora UFMG/FUNASA
Professora de Ciências e Geografia
Analista em qualidade e meio ambiente
Advogado e consultor em matéria Trabalhista, Cível, Consumidor, Administrativo, e assessor a movimentos sociais e outros grupos na área ambiental e socioambiental. Também exerce advocacia <i>pro bono</i>
Bolsista de pesquisa – Universidade do Estado de Santa Catarina
Analista Socioinstitucional

Pesquisadora bolsista CNPq
Atua no Conselho de Desenvolvimento do Meio Ambiente (CODEMA); faz agroecologia e pecuária em propriedade própria
Analista ambiental
Técnica de projeto
Estudante de mestrado e <i>bike-delivery</i>
Analista social
Educadora e consultora ambiental em uma Organização não governamental
Agente Censitário do IBGE
Autônoma
Estudante
Freelancer, atividades de pesquisa de campo
Fotógrafa/Formadora em um curso de formação continuada de professores do campo
Estudante e consultora

Fonte: Elaboração própria

Dos 27 entrevistados que responderam que atuam na área de Ciências Socioambientais, 26 responderam à questão sobre sua atividade atual e 7 deles responderam que atuam em mais de uma atividade simultaneamente. As respostas geraram uma lista de 33 atividades e, algumas delas não apresentam associação com as Ciências Socioambientais, como no caso de *bike-delivery* que está combinada com a atividade de “estudante de mestrado”.

As atividades que tiveram destaque foram: analista/consultor/assessor ambiental ou semelhante, mencionada nove vezes; a atividade de “pesquisador/estudante”, mencionada sete vezes; e a atividade de “educador” que foi mencionada três vezes.

Deve-se destacar que seis entrevistados responderam não estar trabalhando na área de Ciências Socioambientais, mas exercem a atividade de estudante ou bolsista de curso de pós-graduação *stricto sensu*. Esse fato pode levar à interpretação de que a pós-graduação não é na área de Ciências Socioambientais ou, mais provavelmente, de que o estudo de pós-graduação não é um “trabalho”.

É importante ressaltar algumas respostas surpreendentes: alguns egressos responderam não trabalhar na área de Ciências Socioambientais, mesmo exercendo atividades profissionais como “Analista Ambiental na Secretaria de Meio Ambiente – SEMAD” e “Microempresária na área de planejamento urbano, mobiliário urbano e paisagismo”.

Dentre aqueles que responderam que trabalham na área de Ciências Socioambientais, algumas atividades citadas também surpreendem à primeira vista como: “Atuo no CODEMA Conselho de Desenvolvimento do Meio Ambiente. Faço Agroecologia e pecuária em propriedade própria” ou “Advocacia (...) e assessoria a movimentos sociais e outros grupos na área ambiental e socioambiental”. Nos dois casos há atividades diretamente ligadas a questões ambientais (CODEMA e assessoria a movimento ambiental). As outras atividades podem ser entendidas como desassociadas das Ciências Socioambientais ou, talvez, sejam interpretadas como uma forma de atuar que seja parte das Ciências Socioambientais, ou seja, a forma como se exerce a atividade de advogado ou de agricultor poderia levar esses indivíduos a entenderem sua atuação profissional como parte de algo que classificam como Ciências Socioambientais.

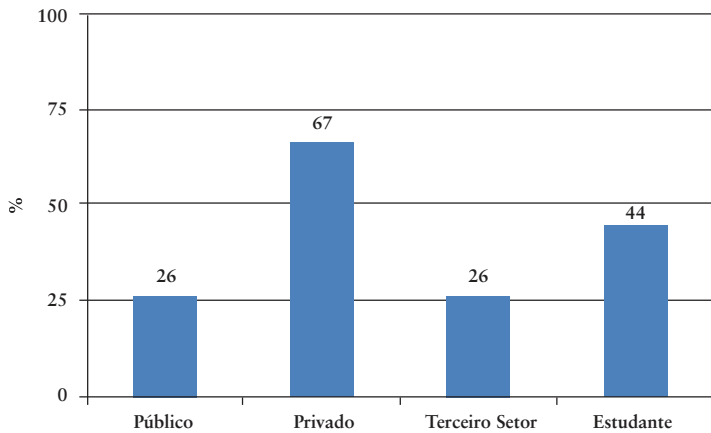


Gráfico 10 – Setor de atuação dos que trabalham em Ciências Socioambientais

Quanto ao setor de atuação daqueles que declaram trabalhar na área de Ciências Socioambientais, 26% atuam no setor público; 67% no setor privado; 26% no terceiro setor, ONGs e afins e 44% como estudantes. É importante ressaltar que há egressos que trabalham/atuam em mais de uma atividade simultaneamente e que, provavelmente, alguns entrevistados informaram todos os setores nos quais trabalharam desde a graduação e não apenas os setores que estavam trabalhando no momento da entrevista.

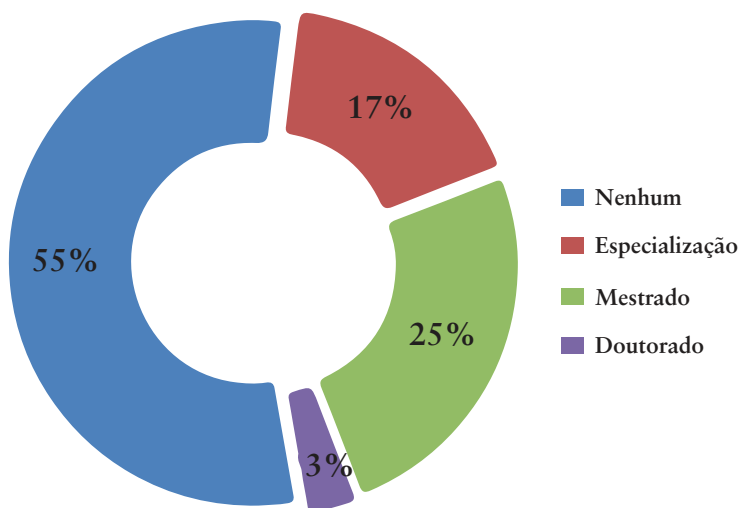


Gráfico 11 – Nível de pós-graduação

O número de egressos que fez ou faz pós-graduação, em especial as de caráter *strictu sensu*, chama a atenção nos resultados do presente estudo. São dois no doutorado e 16 no mestrado atuando em áreas que refletem uma formação interdisciplinar, como mostra a tabela a seguir.

Tabela 2 – Área da pós-graduação <i>stricto sensu</i> – egressos Ciências Socioambientais
Doutorado
1- Migrações
1- Demografia
2 - Total doutorado
Mestrado
1- Planejamento urbano e regional
1- Análise e modelagem de sistemas ambientais
1- Engenharia de produção
1- Saneamento, meio ambiente e recursos hídricos
2- Demografia
1- Pesquisa em políticas públicas de saneamento, meio ambiente e recursos hídricos
1- Planejamento territorial e desenvolvimento socioambiental
1- Estudos lazer
1- Cartografia
1- Antropologia cultural
1- Saúde pública / epidemiologia
1- Geografia
1- Interdisciplinar: sociedade, ambiente e território
1- Educação do campo
1- Interdisciplinar: saúde, sociedade e ambiente
16 - Total mestrado

Fonte: Elaboração própria

A tabela mostra que há cientistas socioambientais fazendo pós-graduação *stricto sensu* em seis das nove grandes áreas de conhecimento classificadas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a saber: Ciências Exatas e da Terra, Engenharias, Ciências da Saúde, Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas e outros. Apenas em três grandes áreas não havia cientistas socioambientais em programas de pós-graduação: Ciências Biológicas, Ciências Agrárias e Linguística, Letras e Artes.

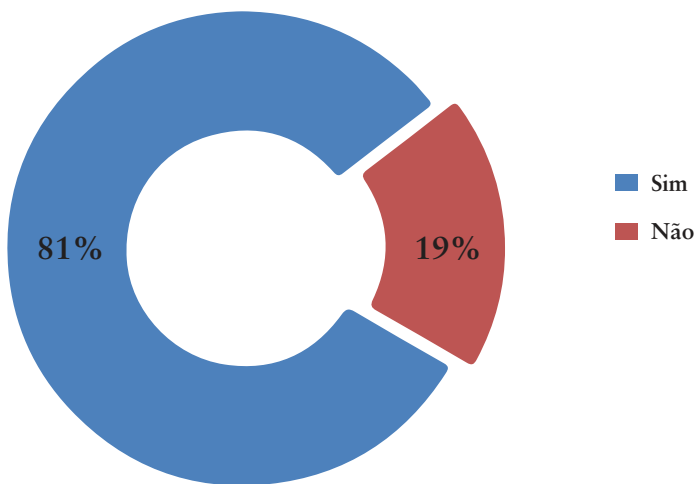


Gráfico 12 – O curso atendeu às expectativas

O curso atendeu às expectativas de 81% dos egressos entrevistados. As justificativas perpassam a abordagem holística do curso e o desenvolvimento crítico dos alunos. A interdisciplinaridade ora aparece como ponto positivo, ora como ponto negativo: o que para alguns é garantia de diálogo entre as diversas áreas do conhecimento, para outros foi apreendido como superficialidade nas propostas disciplinares. Há de se acrescentar ainda a percepção de que para além da formação profissional o curso trouxe questões positivas no âmbito da formação pessoal e política.

Quanto aos 19% de expectativas não atendidas, as insatisfações estão ligadas à dificuldade de inserção no mercado de trabalho: área profissional não consolidada, inexistência de vagas específicas em concursos públicos e na iniciativa privada, entre outros.

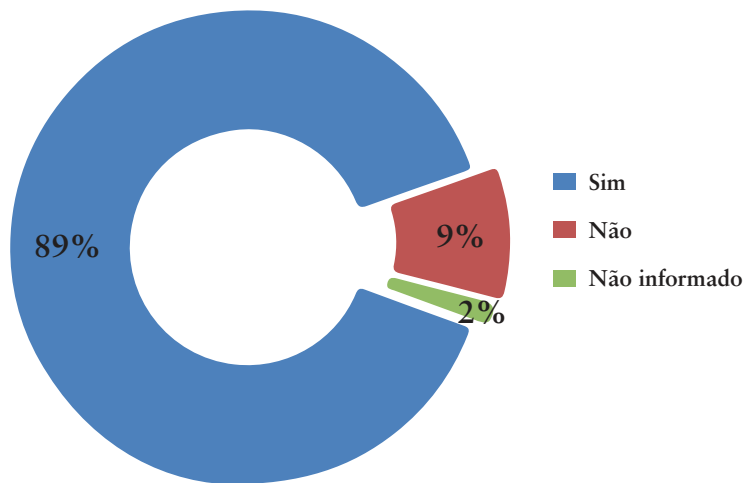


Gráfico 13 – Recomendaria o curso

Quando questionados sobre se recomendariam o curso, a resposta foi 89% positiva. As palavras mobilizadas para justificar a recomendação também estão calcadas na visão/formação interdisciplinar, holística e crítica que os alunos reconhecem e admiram no curso.

no máximo quatro anos. Não houve tempo para os profissionais se estabelecerem plenamente no mercado. O fato de existir muitos egressos inseridos em pós-graduação é indício de uma procura por inserção e estabelecimento profissional, com tendência de melhora qualitativa e quantitativa. A atuação simultânea em vários setores pode indicar esse contexto de construção de uma inserção profissional, sem a existência de uma trajetória profissional consolidada.

O fato de apenas 42% dos entrevistados declararem trabalhar na área de Ciências Socioambientais deve ser interpretado no mesmo contexto. Já a existência de 13% de desempregados pode ser explicada pela situação de início de carreira, assim como pelas altas taxas de desemprego do cenário econômico nacional. Todavia, apenas o contexto de dificuldade de inserção dos profissionais neófitos no mercado de trabalho não é suficiente para explicar o fato de 58% dos entrevistados declararem não trabalhar na área de Ciências Socioambientais. Tal situação deve ser acompanhada de perto pela universidade, pois, se por um lado o curso é bem avaliado pelo aluno, por outro a maioria dos egressos declara não estar trabalhando na área de formação. Infelizmente o material recolhido não permite uma interpretação mais pormenorizada de tal aspecto.

Neste ponto, é preciso destacar que o perfil de um profissional interdisciplinar para lidar com questões ambientais ainda está por ser construído. E este caminho de construção aponta para alguns questionamentos: será que o graduado em Ciências Socioambientais irá ocupar nichos de mercado (consultoria ambiental, cargos públicos ligados a órgãos de regulação ambiental) com identidade profissional relativamente estável; ou o profissional de perfil interdisciplinar irá adotar uma atuação profissional efetivamente flexível, capaz de adaptar-se às rápidas mudanças do mundo contemporâneo? Partir de entrevistas com egressos com no máximo quatro anos desde a formatura, em um curso que se iniciou em 2010, não levará a respostas para essas questões. Tais perguntas só poderão ser respondidas

à medida que os egressos forem construindo uma forma de inserção profissional, ou melhor, uma forma de ser-no-mundo.

O que nos leva ao último e ao terceiro apontamento. Os instrumentos de acompanhamento de egressos, tal como o utilizado nesta pesquisa, tendem a enfatizar a atuação profissional e econômica do egresso. Contudo, o curso de Ciências Socioambientais justifica-se precisamente porque a formação tradicional tende a reduzir as problemáticas ambientais a questões econômicas, técnicas ou culturais. Assim, o curso é planejado para combater a fragmentação disciplinar do mundo, que demonstra uma forma instrumental e economicista de vê-lo.¹⁷ Ora, avaliar o curso apenas pela atuação profissional (eficácia econômica) dos egressos é o mesmo que simplificar ou restringir as ciências socioambientais aos princípios reducionistas e instrumentais que os cientistas socioambientais foram formados para combater. A forma como alguns egressos declaram sua atuação profissional, enfatizando uma atuação social-político-profissional ou até mesmo apontando para um modo de vida é reveladora de tal desafio.

O conceito de atuação profissional não reflete a complexidade de opções de vida, valores e atitudes que não são apenas natureza, não são apenas cultura, não são apenas política, mas são formas híbridas, nunca puras, de Ser-no-mundo. Seguramente, dar conta de tal complexidade vai além do escopo da metodologia aqui aplicada e é um desafio a ser enfrentado.

NOTAS

- ¹ Otávio Duarte Jales, graduando em Ciências Socioambientais/programa de Iniciação Científica, fez parte da equipe que elaborou e aplicou os questionários.
- ² UFMG, *Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Ciências Socioambientais*, Belo Horizonte, 2012, p. 15.
- ³ *Ibidem*, p. 12.
- ⁴ *Ibidem*, p. 15.
- ⁵ *Ibidem*, p. 4.
- ⁶ H. Leff, *Racionalidade ambiental: a reapropriação social da natureza*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2006, p. 311.
- ⁷ *Ibidem*, p. 329.
- ⁸ UFMG, *Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Ciências Socioambientais*, p. 21.
- ⁹ B. Nicolescu, *O Manifesto da Transdisciplinaridade*, São Paulo, Triom, 1999.
- ¹⁰ E. Morin, *Ciência com Consciência*, 3. ed., Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999.
- ¹¹ UFMG, *Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Ciências Socioambientais*, p. 14.
- ¹² D. J. da Silva, *O paradigma transdisciplinar: uma perspectiva metodológica para a pesquisa ambiental*, em Workshop Sobre Interdisciplinaridade, São José dos Campos, INPE, 2001. 30 p., disponível em <<http://www.gthidro.ufsc.br/arquivos/transdisciplinaridade.pdf>>, acesso em 14 ago. 2010.
- ¹³ A. C. Z. Lousada e G. de A. Martins, Egressos como fonte de informação à gestão dos cursos de ciências contábeis, *Revista Contabilidade Financeira – USP*, São Paulo, n. 37, p. 74, jan./abr. 2005.
- ¹⁴ Tanur *apud* H. Freitas *et al.*, O Método da Pesquisa Survey, *Revista de Administração*, v. 35, n. 3, p. 105, 2000, disponível em <<http://www.utfpr.edu.br/curitiba/estrutura-universitaria/diretorias/dirppg/especializacoes/pos-graduacao-dagee/lean-manufacturing/PesquisaSurvey012.pdf>>. > acesso em 25 nov. 2017.
- ¹⁵ Maria Virgínia Machado Dazzani e José Albertino Carvalho Lordelo, A importância dos estudos com egressos na avaliação de programas, em Maria Virgínia Machado Dazzani e José Albertino Carvalho Lordelo, *Estudos com estudantes egressos: concepções e possibilidades metodológicas na avaliação de programas*, Salvador, EDUFBA, 2012, p. 19, disponível em <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6214/1/Estudo%20com%20egressos.pdf>>, acesso em 25 nov. 2017.
- ¹⁶ Brasil, Ministério da Educação, *Mulheres são maioria no ingresso e na conclusão de cursos superiores*, Brasília, 2015, disponível em <<http://www.brasil.gov.br/educacao/2015/03/mulheres-sao-maioria-no-ingresso-e-na-conclusao-de-cursos-superiores>> acesso em 17 jan. 2018.
- ¹⁷ Leff, *Racionalidade ambiental*.